

Alexandre Herculano

A Voz do Profeta

Reedição de

Beatriz Távora

Inês Cardoso

Inês Silveira

Marlene Dias

Daniela Silva

Coordenação de Ângela Correia



BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA

Lisboa

2016

1

ÍNDICE

Nota Editorial

I.

II.

III.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

X.

XI.

XII.

XIII.

XIV.

XV.

XVI.

XVII.

XVIII.

XIX.

XX.

XXI.

XXII.

XXIII.

Nota Editorial

Autor e obra

Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo nasceu a 28 de março de 1810, em Lisboa, e faleceu a 18 de setembro de 1877, em Santarém. As invasões francesas e a influência das ideias liberais, que levaram à revolução do Porto, em 1820, marcaram profundamente a infância e adolescência deste autor. Em 1830, frequentou um curso de Diplomática e estudou também francês, inglês e alemão. Apesar de o conhecimento que tinha destas línguas não ser profundo, aumentou a sua curiosidade pela literatura destes países, o que não era então comum em Portugal. Foi nesta altura que começou a familiarizar-se com a literatura romântica da Europa, por influência da Marquesa de Alorna, cujos serões literários frequentou.¹

Foi nomeado por D. Pedro IV segundo bibliotecário da Biblioteca do Porto, onde

¹ [Portal da Literatura](#) (consultado a 01-06-2016).

permaneceu até ser convidado a dirigir o jornal *O Panorama*, de caráter artístico e científico.

A nossa escolha incidiu sobre a obra *A Voz do Profeta*, de Alexandre Herculano, pois consideramos que o conhecimento de um grande escritor romântico português não deve limitar-se a uma *magnum opus*, como *Eurico, O Presbítero*. A maior parte das pessoas só conhece, no entanto, esta obra, estudada em algumas turmas do ensino secundário em Portugal.

Consideramos também que *A Voz do Profeta* dará a conhecer outra face do escritor Herculano, muitas vezes oculta sob o lado de importante historiador. Cremos, assim, pertinente que esta obra esteja disponível no meio virtual. Deste modo, tanto estudantes quanto quaisquer outros leitores poderão ter acesso a ela.

Livro-fonte

A transcrição do livro foi feita a partir do microfilme de um exemplar existente na Biblioteca Nacional. Este foi impresso em Ferrol pela Imprensa de Ezpeleta, em novembro de 1836.

Na folha de rosto, encontra-se o título da obra e a seguinte citação de Isaias, Cap. 3.º v.º 5.º: *Et irruet populus, vir ad virum, et unusquisque ad proximum suum: tumultuabitur puer contra senem, et ignobilis contra nobilem*².

Ainda nesta página foi acrescentado um carimbo (ilegível, mas que poderá ser da Biblioteca Nacional), e a cota Res. 2868p., escrita à mão.

No verso da folha de rosto, encontra-se a identificação da casa editora: Imprenta de Ezpeleta calba de la Union N.º 57. No canto superior direito, observa-se uma inscrição indecifrável de letras, seguidas de números parcialmente indecifráveis também. Talvez se tratasse de uma antiga cota.

² E o povo acorrerá, homem contra homem, e revoltar-se-á cada um contra o próximo: o jovem contra o velho, e o ignóbil contra o nobre.

Normas de transcrição

Conservaram-se

- todas as características ortográficas (inclusive gralhas), mesmo as oscilações gráficas, como acontece com a palavra «Deos», que igualmente se escreve «Deus»;
- os apóstrofos que substituem acentos, após as maiúsculas A e E;
- a sequência de todo o texto;
- o símbolo que indica o final do livro.

Não se conservaram:

- a numeração de páginas;
- as páginas em branco;
- a imagem da capa.

Uniformizámos o espaçamento entre as palavras e os sinais de pontuação, além de termos começado cada capítulo em nova página, o que não ocorre no livro-fonte.

A Voz do Profeta.

I.

O Espirito de Deus passou pelo meu espirito,
e me disse; vai, e faze ressoar nos ouvidos das
turbas palavras de terror e de verdade.

E eu obedecerei ao meu Deus no meio de
punhaes de assassinos.

Povo!... breve soará a tua hora extrema: tu
mesmo a marcaste no decorrer dos tempos.

O Anjo exterminador vibra sobre ti a espada
da assolação, e tu danças e folgas ebrio de tuas
esperanças.

Essa terra que pizas crês que é um solo remido
por tuas mãos: repára porem; olha que é um
sepulchro.

Ampla é o sepulchro de um povo: dentro em
breve tu ahí callarás para sempre.

Creste-te forte, porque teu rugido é semelhante ao da panthera: mas somente Deos é grande.

Encheste o vaso de tuas iniquidades, elle trasbordou, e a terra ficou polluida.

Amaldiçoados sejam os nomes dos que accenderam o volcão popular; porque são nomes abominaveis diante do Ceo e do mundo.

Portugal foi pesado na balança da eterna justiça, e a Providencia o arrojou de seu seio.

Derrubem-se os altares, cerrem-se as portas dos templos: Deos já não recebe os sacrificios, e as preces deste povo, senão como um grito de escarneo.

E como o Aquilão³ varre a folha secca do Outono, o seu sopro varrerá da face da terra esta raça pervertida e immoral.

³ Nota das editoras: «Aquilão» significa vento do nordeste, vento forte ou vento violento e frio.

II.

O que tem ouvidos para ouvir, ouça: o que tem olhos para ver, veja: o que tem coração para se contristar, contriste-se.

O povo tinha a liberdade e quiz a licença: tinha a justiça, e quiz a iniquidade: o povo perecerá.

Desgraçado daquelle, que anda fóra dos caminhos do Senhor: correndo despeado por despenhadeiros sentir-se-ha por fim o baque de seu corpo, que se esmigalha batendo no fundo de um precipicio.

Porque a lei, e a virtude foi posta no mundo para proveito do homem, não para proveito de Deos.

Quando uma nação quebra todos os laços sociaes, della será todo o damno.

Para as turbas o cheiro do sangue é perfume suave; o roubo uma gloriosa conquista.

E ellas se fartarão de sangue e de rapinas, e em banquetes de antropophagos assarão e tragarão os membros de seus compatricios.

Porque a plebe desenfreada é como o phantasma do crime, como o espectro da morte, como o grito do exterminio.

Horrivel é o aspecto de um empestado, que entre-abrindo o lençol, que lhe servirá de mortalha, descobre as pustulas, que manam podridão da sanie e cheiro incomportavel, e que por entre os lábios amarellos e os dentes cerrados deixa fugir o som profundo do estertôr.

Mas para o justo, que contemplar uma scena das raivas da plebe, e ouvir as suas blasphemias, e vir as faces hediondas dos homens dissolutos, será como alivio a asquerosidade das chagas, o halito podre, e o rouco estertôr do empestado.

III.

E o povo continúa a dançar em roda do seu mesmo sepulchro.

E as outras nações sacodem a cabeça em ar de compaixão.

Os tyrannos sorriem, e disem por escárneo aos homens virtuosos: ide, e dae a liberdade ás turbas; erguei á dignidade de homens livres servos devassos, e educados no lodo: elles vos pagarão com a unica moeda, que guardam em seus thesouros.

A relé popular é chamada as feses da Sociedade, não porque é humilde, não porque é pobre, mas porque é vil, e malvada.

O sabio, o virtuoso indigente é mais nobre do que os grandes da republica, do que os dominadores da terra.

O ferrete da abjecção e da infamia estampa-se em toda a casta de frontes, e aos que trasem este

signal de reprovação é que a philosophia chama escoria da sociedade.

A medida porque Deos conta os grãos dos meritos da vida é a da pureza de coração, é a do aperfeiçoamento da intelligencia.

Os typos das diversas alturas, a que sóbe o espirito humano na carreira indefinita da perfeição, formam como uma pyramide, cuja base assenta no fundo de um tremedal, cujo ápice se esconde no interior dos Ceos.

Muitos nasceram no infimo da pyramide e subiram a grande altura: outros de grande altura desceram a mergulhar-se no lôdo.

E tanto a uns como a outros julgará a immutavel justiça de Deos.

IV.

Os soldados da liberdade morreram nos combates da Patria e misturaram seu sangue com o sangue dos tyrannos: os ossos lhes alvejam nas serras e nos valles por entre as ossadas de servos.

Foi sasão essa de abundante messe de almas puras para o reino do Ceo. Consolem as lagrimas dos justos as cinzas desses valentes.

Eram apenas um punhado: a morte ceifou os mais delles; o resto já não tem força senão para prantear sobre as ruinas da Patria.

E o vidente pranteará com elles, porque o Senhor lhe amostrou o futuro.

Se os homens do desterro e das tempestades podessem levantar-se de sua jazida a terra de antigas glorias ainda seria salva: mas elles dormem seu somno de repouso.

E foi o ultimo leito honrado em que portuguezes se reclinaram em seu dia extremo.

Felizes os que então se despediram do sol e misturaram com a terra o pó que lhes emprestára a terra.

Os dias dos que restamos não eram ainda contados; porque nossos erros pediam a punição do opprobrio.

O Senhor nosso Deos é justo; curvemos a cabeça diante da sua Providencia.

V.

Formosos eram os tempos em que pelejavamos pela liberdade do Povo; tão formosos, quão negros estes em que a plebe peleja pela licença.

As nossas armas vomitavam a morte, e o inimigo também a espalhava por nossas fileiras: e nós estávamos firmes nos pincaros das montanhas, ou descendo as fazíamos ressoar debaixo dos nossos pés.

E arrojando-nos aos contrarios, as bayonetas relusiam á luz do Sol; e o estrondo dos ferros encontrados, e o clamor dos feridos, e o estampido dos tiros retumbavam pelas quebras dos valles.

E sanguinolenta victoria nos coroava a frente; e o delirio do triumpho nos coava pelas veias; porque os combates foram de homens valentes.

Na historia do soffrimento humano a mais bella pagina é a historia do nosso soffrimento:

nem a peste, nem a fome, nem a desesperação de todo o humano socorro dobraram a robustez de corações ousados.

Porque pelejavamos por uma causa justa e Deos estava com-nosco.

Por serranias agrestes e aridas combatemos debaixo de sóes ardentes, e as nossas entranhas se mirravam de sede, e nossos labios estavam ressequidos como a urze já morta, e nós os humedeciamos com as lagrimas da dor, e supportavamos a sede.

Encostad⁴ a mal construidos vallos, e cercados por quarenta mil soldados vigiavamos pelas noites longas e tenebrosas do hynverno. A chuva nos caía em torrentes da atmosphaera densa sobre os membros mal-vestidos, e o oeste sibilava em nossas armas.

⁴ Nota das editoras – A falha deverá ser acidental, uma vez que foi deixado espaço para as duas letras (os) que faltam.

Ou se as cataractas do Ceo se vedavam, o frio leste nos trasia seu sopro envolvido nas geadas dos montes penhascosos.

Cruelissimas eram estas entre as noites crueis desse tempo; porque ao redor de nós tudo estava devastado, e não havia um só tronco para alimentar a fogueira do arraial.

E o frio recalrava a vida toda no coração do soldado: e elle sem um lamemto soffria o rigor da noite dilatadissima.

A fome se apresentou diante de nós; medonho era o seu aspecto: os membros nos desfalleciam, e as armas por vezes nos caíam das mãos.

Mas o amor da Patria estava vivo em todos os corações. A Providencia nos infundia valor, e soffremos sem murmurar a fome.

Gloria a Deos! – Os ultimos Portugueses saíram illesos da prova. Os antigos Cavalleiros os

receberam como irmãos lá onde são com o Senhor.

Bemaventurados os que deixaram esta terra de lagrimas, porque não viram que seu sangue fôra derramado em vão.

VI.

E depois dos combates nós sepultavamos os mortos.

No campo de batalha se abria uma grande cova, e simultaneamente se lançavam nella os cadaveres de amigos, e de inimigos.

Porque alem do limiar do outro mundo callam todos os humanos odios.

E o tecto de terra se estendia sobre os muitos que ahi dormiam no mesmo jazigo.

E algum pranto derramado sobre o pó revolto, e as preces da igreja, pronuncia-das pelo sacerdote, consolavam os extinctos.

A Cruz se plantava sobre a gleba para consagrar a memoria dos mortos; para pedir a esmola da oração ao que passasse, e para lhe annunciar que todos os que alli pousavam eram irmãos por JesuChristo, eram irmãos pelo sepulchro.

Perdoavamos para sermos perdoados:
perdoavamos, porque eramos fortes.

VII.

A plebe se alevantou, e logo commetteu um crime.

Agitava-se e ondeava pelas ruas com clamor inintelligivel, e o espirito da revolta lhe refervia o sangue.

Um homem inerte passou por entre os amotinados: era um dos votados ao exterminio: muitos tiros e golpes partiram do meio da turba, e o homem caiu exangue e morto.

E arrastaram seu cadaver até ao cemiterio publico ao som de injurias e risadas, e maldisseram o extincto.

E sutterrando-o por meio corpo cuspiram nas faces de um cadaver.

E esse homem assassinado, e arrastado, e cuberto da escuma fetida de labios populares, fora um dos que salvaram o povo do cutello dos tyrannos!

Plebe: tu commetteste um assassinio, e tu serás julgada. A ferro morrerá o que ferir com ferro: disse-o o Propheta do Golgotha⁵.

Deixaste acaso a face da tua victima descuberta para monumento do crime?

Quiseste por ventura desafiar a eterna justiça, e convocar a combate o Regedor dos Mundos?

Se na tua maldade e soberba assim o pensaste, sabe que baldada foi a profanação da sepultura.

Se nos confins da terra sumisses o morto, se o escondesses nos abysmos do Oceano, se o arrojasses na cratera de um volcão encendido, lá Deos o havia de enxergar:

⁵ N. E. – É a Jesus Cristo que o autor se refere quando escreve *o Propheta de Golgotha*, cidade fora de Jerusalém, onde Jesus foi crucificado. Após o discípulo Simão Pedro desembainhar uma espada para que pudesse defender Jesus, este último diz-lhe «Embainha a tua espada; pois todos os que tomam a espada, morrerão à espada» (Mateus 26:52).

Porque todo o gemido de moribundo ressoa no throno do Eterno.

Preparai-vos, vermes, se tanto ousais: porque o Senhor se erguerá sobre os orbes, e o estridor da sela exterminadora sibillar á a travez do Universo: ella se cravará na terra que pisaes e passareis como o fumo.

Ai daquelle que ao som da ultima trombeta acordar tincto no sangue injustamente derramado de algum de seus irmãos!

Em verdade vos digo, que para esse já não ha perdão, mas só ranger de dentes e bramir sempiterno.

VIII.

Povo! Onde estão os teus sabios, os teus generaes, os teus nobres, os teus abastados, os teus homens virtuosos!

Os timidos escondem-se diante da tua sanha: os valentes não podendo combater com as turbas erram no Oceano á mercê das tempestades.

E é a segunda vez, que se affrontam com ellas por amor da liberdade e da lei.

Deos proverá os foragidos, como provê de sustento os animaes que vagueam na terra, e as aves que crusam os ares.

E os timidos, que ouvindo o rugido da plebe se embrenham por antros de serranias, por profundesas de bosques confiem tambem no Senhor.

Porque d'elle vem a salvação para os bons no dia da cólera, e do castigo.

E os que padecem lacem-no em conta de seus pecados: que ninguém se isenta da culpa, e antes remi-la neste valle do desterro, do que alem do sepulchro.

O que soffre não deve queixar-se, nem rebellarse contra a Providencia: porque nessa queixa respira um halito de soberba.

Que é um homem em comparação de uma cidade; uma cidade em comparação de um povo; um povo em comparação do genero humano; o genero humano em comparação do Univeso?

E que intelligencia é capaz de medir a distancia que vai do primeiro ao ultimo?

Milhões de milhões de vezes menos importa a existencia de um individuo na somma das existencias, do que na pyramide de Chleops⁶ o

⁶ N. E. – Referência à pirâmide Quéops, localizada na terceira maior cidade do Egito, Gizé. Esta pirâmide é a mais antiga e a maior das três pirâmides de Gizé.

mais miudo grão de argamassa importa á solidez do monumento.

Em quanto vive na terra o homem é um atomo na immensidade: grande será depois da morte no reino dos Ceos; grande mesmo entre os bramidos do inferno.

Porque para elle existe a eternidade só então: só então comprehende a omnipotencia de Deos.

IX.

Cinco annos em nome do Evangelho uma parte do povo perseguiu seus irmãos, e os cubriu de opprobrio.

Em nome do Evangelho se pregooou o odio, a vingança, e o perjurio: em nome do Crucificado se pregooou o sangue, o incendio, o roubo, e o exterminio.

Mas o dia da punição chegou, porque as lagrimas da innocencia orvalharam o seio de Deos.

Elle estendeu o seu braço, suscitou os ousados, e conduzindo-os de milagre em milagre, os impios dobraram a cerviz altiva.

Nossas victorias foram de homens fortes; mas a robustez de animo vinha-nos daquelle que é fonte e origem de toda a humana virtude.

Vestia-se então a maldade dos trajes puros da Religião para perpetrar impunemente crimes: hoje

abriga-se á sombra da arvore sancta da liberdade
para assolar a terra da nossa infancia.

Ai dos maos, porque os olhos do Todo-
poderoso lhes veem nus os corações em toda a
hediondez de sua perversidade!

A justiça celeste nunca dorme, como na alma
do criminoso nunca se cala o remorso.

E a hora da tribulação, e das angustias chegará
para os malvados, e elles amaldiçoarão o ventre
materno, e os peitos, que os amamentaram.

X.

Povo! os que hoje saudas como numes⁷, amanhã tu os faras em pedaços, e lhes arrastarás pelas ruas os cadáveres cubertos de feridas e pisaduras.

Porque, bem que tarde, conhecerás que elles te hão enganado.

Prometteram-te abundancia, e achar-te-has faminto; prometteram-te liberdade, e achar-te-has servo.

A licença mata a liberdade; porque se livremente opprimes, livremente pódes ser oppresso; se o assassinio é teu direito, direito será para os outros assassinar-te.

Se a força, e não a moral, é a lei popular, quando os tyrannos tiverem mais força, legitimamente podem pôr no collo do povo um jugo de ferro.

⁷ N. E. – Os «numes» são seres divinos, isto é, deidades.

Ministros da tyrannia são os que suscitaram a lucta das facções os que deram o primeiro grito da revolta, os que accenderam a guerra civil:

Porque a nação se dilacerará, e enfraquecida passará das mãos da plebe para as mãos d'algum despota que a devóre.

Lembraí-vos da Serpente, que enganou nossos primeiros paes: foi com palavras sonoras, com promessas de gloria e de ventura, que ella perdeu a ambos.

Dado que para vós não houvesse liberdade e elles vo-la offerecessem á custa do perpetuo damno, devieis te-los por vossos destruidores.

Porque a liberdade é um meio e não um fim: quer-se a liberdade não para as nações serem livres, mas para serem felizes.

Que importa o respeito de propriedade, para o que nada possue? Que vale a liberdade da palavra para o que só tem de pronunciar maldições e

queixumes? Que monta, que os vossos pares vos julguem, se o odio das facções nos fez inimigos uns dos outros?

Sem concordia força é que o edificio social desabe: e por ventura nascera a concordia do meio das sedições?

XI.

Se no coração de algum dos concitadores da anarchia existe vislumbre de virtude, ai delle! Ai delle, se a sua alma é inteiramente negra!

Porque de qualquer dos modos um abysmo está cavado debaixo de seus pés: na estrada do arrependimento o da vingança popular, no seguimento do crime o da justiça de Deos.

Elles revelaram á multidão o segredo da sua força, e as turbas os levarão diante de si.

O Leão ruge livre na arena, e o conductor que o desatrellou cumpre que mais ligeiro lhe preceda na carreira, álias será o primeiro que elle desfaça entre as unhas.

Aquelles, que hoje são o amor das turbas, serão chamados por ellas para presidirem a concelhos de sangue, a longos dramas de destruição e de angustias.

E se a consciencia lhes clamar com a voz do remorso, e se tremulos quizerem retroceder, a plebe lhes dirá: — ávante!

E se ousarem implorar piedade para com as victimas de desenfreamento e da barbaridade, rir-se-ha a plebe, e lhes gritará: — ávante!

E se aterrados da altura do precipio voltarem atraz um passo, este passo será o extremo: a plebe os aniquilará.

Elles encheram o calice das amarguras publicas, os justos o beberão aos tragos; mas as fezes serão para os escanções do banquete popular.

A salvação unica do instigador de revoltas e uniões está em admitir todas as consequencias dellas.

E então forçoso lhe é tornar-se conspicuo ao crime e revolver-se no sangue.

Mas qual será a eternidade de um tal homem?

— Deos não deu palavras ás linguas da terra para
o dizerem. E' esse um dos mysterios do inferno.

XII.

Eu temo as horas calladas da noite, e o coração se-me-cerra, quando o somno quem⁸ pesa sobre as palpebras amortecidas:

Porque para mim o somno não é repouso, e os phantasmas das sombras são mais crueis do que as mui crueis realidades do dia,

Deos converteu a sua voz no meu pensamento e collocou nos meus labios o grito da sua colera.

O seu verbo desfará a minha alma, como o ambiente da terra comprimido n'um vaso de argilla, dillatando-se, o redusíra a pó.

O espanto me cerca no meio das trevas, e o futuro está parado diante de mim como um pesadello eterno.

⁸ N. E. – No livro, a palavra «quem» está rasurada, e por baixo alguém escreveu à mão: «me». Esta correção faz todo o sentido no contexto.

Em um momento reúne o Senhor na minha alma as dores comque por largos dias gemerá esta desventurada Patria.

E eu em sonhos oro ao Deos de nossos Pais; mas na sua ira o Altíssimo repelle as minhas preces, e acordo debulhado em lagrimas.

Este acordar me arremessa á vida actual, a esta atmospherá da depravação social, ao meio do deshonesto tumultuar de um povo corrompido.

E a oração, que em sonhos eu ousára levantar aos Ceos, cáe gelada na terra ao som das pragas e blasphemias da turba desenfreada.

XIII.

Eu vi uma visão do futuro e o Senhor me disse;
vai e revela-a na terra.

Como em panorama imenso um reino
inteiro estava diante de meus olhos,

E nas duas Cidades mais populosas delle
homens de má catadura começavam de
agglomerar-se nas praças, e a trasbordar pelas
ruas.

E nos campos e nas aldeia outros homens com
aspecto de reprobos⁹ começavam também a
apinhar-se nos passos das serras, nas assomadas
das montanhas, e nas clareiras das florestas.

E tanto nas faces dos filhos dos campos, como
nas dos habitantes das cidades líia-se um grito de
extermínio, que lá lhes bramia no fundo dos
corações.

⁹ N. E. – Reprobos: reprovados, condenados às penas do Inferno.

Os magotes de serranos se fundiram n'uma só turma; e o mesmo succedeu nos das Cidades.

E cada uma das turmas se converteu em uma besta-féra, que se assemelhava ao tigre.

Agigantada era a sua estatura, e na frente de uma se lia = Fanatismo = e na da outra = Desenfreamento. =

Com os olhos tinctos em fel e sangue correram então os dous monstros um para o outro; ergueram-se em pé, e estenderam as garras.

No mesmo instante abriram-se os Ceos: dous grandes cutellos affiados e dous fachos encendidos caíram junto das alimarias ferozes.

E nas laminas dos cutellos estavam com letras de fogo escriptas as palavras seguintes = Maldição de Deos. =

E cada uma das alimarias segurou com a esquerda um dos fachos, e com a direita uma dos cutellos.

A das Cidades arrojou o seu facho sobre os campos, e os campos ficaram em um momento áridos e ermos.

E a outra sacudiu o seu sobre as duas Cidades, e subito no lugar onde ellas foram estavam dous montões de ruinas.

Depois, combatendo por largo tempo e atassalhadas de golpes, caíram e renderam os espiritos.

Então as lagrimas me offuscaram os olhos; porque eu bem entendia o que significava a visão.

Mas enchugando-os, tornei a lança-los para o Ingar da peleja.

E vi uma solidão safara e negra, sobre a qual a perder de vista para todos os lados alvejavam milhares de ossadas.

E em cima dellas estavam assentados dous espectros immensos: e estes eram chamados = Associação = e = Silencio. =

XIV.

E'ra uma noite serena, e, ao clarão da lua, a sombra de um templo antigo se prolongava no terreiro contiguo.

Os sinos dormiam nos campanarios das torres erguidas, e tudo estava callado no ambito do monumento religioso, herdado aos homens impios deste seculo pelos homens crentes dos tempos que fôram.

A travez das esguias e ponte-agudas janellas da Igreja transverberava na praça a luz amortecida das alampadas solitarias que ardiam diante das capellas desertas.

E'ra a hora em que se passam cousas mysteriosas por adros e cemiterios, e em que vagueam pela terra os mortos condenados a assim cumprirem com sua justiça.

N'um angulo do terreiro estava eu; nem sabia que mão me tinha para alli arrastado; mas era a mão de Deos.

Ao longo de uma rua, que naquelle lugar desembocava, vinha ondeando um turbilhão negro, cujo rugido era semelhante ao rugido do pinhal da montanha em noite tempestuosa.

E parecia aquelle grande vulto um fragmento do cáhos, a quem de todos os elementos da harmonia e da ordem só o Creador concedêra o movimento.

E chegou o tumulto diante da Igreja, e espraizou-se por toda a praça, e houve um profundo silencio.

E um homem levantou a voz no meio do tropel, que pendia de seus labios, e disse:

Vós sacudistes o jugo dos poderosos; e o nome de rei e o titulo de nobre são palavras sem significação na linguagem da nação regenerada.

O povo que jazia no lodo alevantou-se como um gigante de prodigiosa altura, e estendendo os braços estreitou os palacios dos abastados e dos potentes; e os pannos dos muros vacillaram nos seus fundamentos de marmore e de granito, e começaram de desmoronar-se e baquearam por terra.

E o gigante popular riu-se, e assentou-se em cima de montões de ruinas. Foi este dia dia de sempiterna gloria.

Mas os monumentos da credulidade e do fanatismos de nossos pais ainda assoberbam a Cidade dos homens livres; e a hypocrisia se abriga á sombra dos altares e invoca, talvez contra nós, um Deos que não existe.

O unico Deos de corações generosos é a liberdade; o seu altar o cadafalso; o seu sacerdote o algoz; o seu culto derramar sangue de tyrannos e de servos.

Amaldiçoemos pois o nome dos que nos geraram e derrubemos a obra da superstição.

E cada um daquelles precitos amaldiçoou seu pae, e os cabellos se me eriçaram de horror.

Então a turba se arrojou ao portal do templo, e os largos ferros dos machados scintillavam erguidos e faziam estourar as portas, e pelas naves da Igreja retumbava um gemido longo e sonoro.

E o terreiro ficou esgotado dessas ondas de povo, vertidas pelo adro da velha cathedral dentro de seu amplo recinto.

Como os vermes se arrastam vagueando pelos membros de um cadaver, os homens do sacrilegio se espalharam, arremessando-se aos altares e a todos os lugares onde reluzia a prata ou o ouro.

E cuspiendo sobre a hostia do Cordeiro a pisavam aos pés e motejavam do Crucificado.

E despido o templo das riquezas alli depositadas em testemunho da piedade de seculos, os impios sairam delle carregados de despojos.

Depois accendendo fachos lhe lançaram fogo por todos os angulos, e breve as chammas se ergueram ao Ceo com espantoso ruido.

O estalido das pedras, que se desconjuntavam, e o fragor das abobadas desabando, e o estridor do incendio, que trepava em espiraes pelas columnas e se estendia em lenções vermelhos lambendo a face dos muros, e o ultimo gemido dos órgãos era a orchestra deste saráu popular.

E a plebe folgava de roda, e se embriagava passando de mão em mão as taças do vinho escumoso, e tecendo danças com as mais vis prostitutas.

Tal foi o sonho do futuro, que o Senhor me enviou n'uma noite de agonia.

XV.

O Anjo das predicções mudou então na minha alma a scena do porvir.

A' mesma hora, á mesma luz da lua estava eu no lugar onde vira o povo quebrar as pòrtas do Sanctuario, onde vira os homens dissolutos transpor a ultima barreira que os separava dos tigres, e lançar de si o ultimo signal que os distinguia dos espiritos das trevas.

Dos fustes truncados das columnas do templo pendiam hervas bravias, e nos semi-rotos muros se enlaçava a héra.

Nos campanarios affumados pelo incendio haviam as aves nocturnas construido os seus ninhos; e ao cair das trevas, em vez dos sons religiosos dos sinos, soltavam-se lá dos cimos das torres os pios medonhos da poupa solitaria.

E no meio do terreiro surgia o quer que era negro, que não se assemelhava a nenhuma obra da

natureza, a nenhuma obra das mãos do homem feita para o uso da vida.

Aproximei-me. Era um patíbulo¹⁰.

Um vulto humano pendia ao alto delle, e volteava para um e outro lado á mercê da brisa fresca da noite.

E tinha as faces disformes e os olhos espantados, e da boca meia aberta lhe gotejava a espaços o sangue.

Eu estava com os olhos cravados nelle, e não os podia despregar do homem do patíbulo.

E involuntariamente me assentei em joelhos, e as preces pelo morto me iam romper dos labios: a minha fronte era ardente, e o pulso me batia rapido e com força.

A' primeira palavra de oração que soltei, um estremeção agitou o cadaver do justicado.

¹⁰ N. E. – Patíbulo significa cadafalso.

E sem mecher os beiços murmurou sons inarticulados; depois pronunciou algumas palavras: a sua voz era a de um ventriloquo.

Calla-te! me disse: a eternidade é já minha. Deos me riscou do livro da vida: maldicto seja o seu nome!

Fartei-me de crimes na terra: por isso fui condenado.

Minha existencia foi como um halito de pulmoens ralados minha voz nunca ensinou senão a destruição.

Hypocrita da liberdade pregoei a revolta e a licença, como os hypocritas da Religião pregoam a intolerancia e o exterminio.

Fui eu o que nas trevas preparei a discordia dos homens livres, que suscitei o primeiro dia de furor popular.

Colloquei em frente dos amotinados alguns mancebos, em cujo seio haviam fragmentos de virtude, mas cuja ambição era cega.

Porque bem sabia eu, que a plebe immoral aniquilaria todos os que não fossem tão dissolutos como ella.

Deixei na arena dos bandos civís todos os meus emulos, e larguei o paiz que de futuro devia ser minha prêa.

E quando voltei o povo fez pedaços os seus idolos de um dia, e os sumiu debaixo dos pés das turbas.

Era então que começava o meu imperio. Ai dos que eu tinha notado no livro da morte! nenhum ficou sobre a terra.

Milhares deixaram a cabeça debaixo do cutello do algóz: milhares voltearam no cadafalso por noites de luar, como agora eu volteio.

E este barão que ora me sobreleva do chão, ainda o achei aquecido do collo da minha ultima victima.

Fartei a sede de vingança e de sangue que mirrava meu coração; e morri seguro de que deixava atraz de mim a campá cerrada em cima de todos os virtuosos.

O tyranno do Ceu folgue embora em me vêr no inferno: ao menos pude apagar o seu nome na terra que me deu o berço.

Os templos desmoronaram-se a um só meu grito: o sacerdocio desapareceu; a oração callou para todo o sempre.

Agora também eu passei: porque na senda do crime o povo com uma passada vence o caminho de um século, e eu era apenas um homem.

Os que empolgaram o poder, que me foi arrancado, não os tinha ainda conhecido, porque

se arrastavam houtem no lodo; álias ter-me-hiam precedido em descer aos abysmos.

Aqui dando um longo gemido o suppliciado callou; os olhos se lhe fecharam, e a cabeça lhe pendeu para o peito.

Em quanto fallára, bem conheci quem era; mas o Senhor me ordenou não revelasse o seu nome.

XVI.

O Anjo das predicções mudou o espirito dos meus sonhos.

Era por uma noite fria do inverno: n'uma quadra desadornada de palacio meio arruinado jazia um homem em pobrissima enxerga.

No seu rosto estava pintada a doença e a fome, as bagas do suor da morte lhe transsudavam da fronte, e dos olhos fugia-lhe a lagrima extrêma do moribundo,

Os farrapos de que se vestia não o resguardavam do frio, e o homem tremia, e os dentes lhe batiam uns contra os outros.

E no seu delirio o misero soltava palavras cortadas: agua! agua! dizia; porque a sede lhe roía as entranhas. E não havia quem lhe desse um pucuro de agua!

“Tribunos da plebe, dae-me um pouco de pão, oh! bem negro que seja! que tambem eu sou do povo:” e lançava os olhos para os seus farrapos.

“Fui nobre e rico: mas esquecei-vos disso! perdoai-me, porque nada me resta: tão pobre sou como o mais humilde mendigo, que d’antes estendia a mão para o ultimo dos meus servos.”

E o homem sorria, e o seu riso significava a desesperação da sua alma.

Depois olhou para um crucifixo, que estava encostado á parede, e estendeu para lá os braços.

Mas não havia, quem lhe unisse ao peito a imagem do Salvador: não havia um Sacerdote, que lhe desse o extremo *vale*.

Então deixou descair os braços, fechou os olhos, e morreu: sobre o cadaver lhe irá amontoando o tempo as ruinas dos paços, que lhe herdaram seus pais.

E será esta a campa republicana do homem
que foi nobre e abastado.

XVII.

O Anjo das predicções mudou o espirito dos meus sonhos.

Era um dia da lucta das facções: era um dia de ampla carnificina.

E o demonio do Meio-dia pairava sobre a Cidade do sangue, e blasphemava do Senhor.

O povo corria furioso, e tumultuava; e o tiros e golpes soavam pelas praças, pelas ruas e pelas encrusilhadas.

O gemer dos feridos, e as pragas dos vencidos, e as ameaças dos vencedores se conglobavam em um rumor semelhante ao arquejar de um volção.

As portas dos edificios estouravam pelos gonzos e fechaduras; e a plebe desenfreada entrava de tropel até ao mais recondito das habitações.

E o ulular das mulheres, e o vagido dos infantes e o choro dos velhos rompia por entre o clamor da matança.

Mas a lascivia e o punhal breve punham o selo do silencio nas fronteiras de inteiras familias.

No recontro das diversas parcialidades os irmãos assassinavam os irmãos, os filhos assassinavam os paes.

Porque á voz das sedições o povo tinha quebrado, depois dos laços sociaes, os vinculos da natureza.

E o roubo, a dissolução, a morte, e o incendio estavam assentados nos quatro angulos de uma Cidade outrora populosa e rica.

Estas eram as divindades que adorava a plebe nos dias da licença e do furor.

XVIII.

O Anjo das prediccções mudou o espirito dos meus sonhos.

Nas abas de uma serra do norte ainda as casinhas de pequena aldêa alvejavam certa manhã ao despontar do Sol.

E nas assomadas dos montes, e nos comoros dos outeiros oudeavam os cimos dos pinhaes agitados pela viração matutina.

A aldêa e os campos que a rodeavam eram no meio deste paiz assolado como o vulto da esperança erguido sobre a lousa de um sepulchro.

E os habitantes pacificos do valle não sabiam que as tempestades politicas trovejavam alem das suas montanhas.

Mas nesse dia souberam-no para morrerem. O raio da furia popular fulminou-lhes a destruição.

Bandos de Soldados negrejavam em ondas descendo para a planície; e os primeiros raios do sol se espelhavam nas suas armas.

E seguiu-se mais uma scena de carnificina, como tantas que eu tinha visto em meus sonhos do futuro. O ultimo abrigo da felicidade neste mal-aventurado paiz foi reduzido a cinsas.

Os velhos morriam abraçados aos troncos dos carvalhos e castanheiros, seus veneraveis amigos da infancia, que tinham testemunhado a ventura de seis gerações inteiras.

Os moços caíam combatendo pela salvação dos paes, das esposas, e dos filhos; mas, inexpertos nas armas levemente eram vencidos da soldadesca feroz.

Na ermida do presbiterio buscaram as mulheres indefensas guarida contra os assassinos; porque as desgraçadas não sabiam, que a religião tinha fugido desta terra dos crimes

Alli ante o altar do Senhor foram vilipendiadas e saciaram a brutesa dos filhos da dissolução.

E no dia seguinte nos soutos, e nos pinhaes da encosta ouvia-se tão somente o rugido das ramas; e no meio do valle fumegava um monte de cinzas.

XIX.

O Anjo das prediccções mudou o espirito de meus sonhos.

N'uma vasta sala estavam reunidos muitos homens de aspecto feroz e em cujos olhos reluzia o furor de bandos civís.

Chamavam-se estes homens os legisladores, os representantes do povo.

Mas eram taes nomes nomes sem significação; porque a lei residia na vontade mudavel da plebe; e elles eram em grão parte mandados para aquelle recinto pela parcialidade, que então triumphava.

De roda, em balcoens erguidos, agitava-se a plebe tumultuosa.

Alli se traçavam os decretos de exterminio: e era ouvindo-os que as turbas victoriavam os homens do sangue-

Mas se aos labios de algum assomava uma palavra de humanidade, e se ousava pronuncia-la inteira, os gritos de traição e de morte lhe repercutiam outra vez esse halito de virtude para o intimo do peito.

Neste dia pelejavam os partidos pelas ruas para decidir quem tinha direito de commetter mais crimes: era dia de abundante colheita para o sepulchro e para o inferno.

Mas ao recinto, outrora chamado o sanctuario das leis, não chegava o clamor do combate: porque tambem lá a discordia excitava alaridos, e sacudindo o seu facho encendia os animos de uns contra outros.

Eis estalam as portas; vencèra o bando contrario: o tumulto ondeou pela salla espaçosa, e houve um momento de ancia e de silencio.

Então os punhaes relusiram erguidos, e desceram com força; e os gritos e as pragas e as

blasphemias se misturaram com o estertor dos moribundos.

E a plebe nos balcoens batia as palmas, e dizia entre risadas: *viva!*

Tal foi a ultima scena de meus sonhos; e nada mais me revelou o Senhor.

XX.

O Filho do Homem se comprazia em ensinar a sabedoria por meio de parabolos: na parábola está a philosophia do povo.

Um agricultor possuía certo campo que não produzia senão fructos enfezados: porque o solo se havia tornado sáfaro por falta de cultura durante largos annos.

Porem ainda aqui e acolá pela extensão da veiga vecejavam algumas arvores e cepas de boa casta, e que só de maltratadas pareciam bravias.

E este agricultor morreu, deixando o campo de seus paes a tres filhos que tinha; e estes tractaram entre si acerca do que deviam fazer da herança paterna.

E o mais velho disse: = Respeitemos a memoria de nossos antepassados, e deixemos aos que de nós vierem o campo que herdamos, do mesmo modo que o recebemos.

Porque senão diga que menoscabamos a prudencia dos velhos e que pretendemos ser mais avisados do que foi nosso pae.

Elle viveu, posto que pobre, tranquillo: vivamos como elle viveu.

E disse o segundo-genito: = Respeitavel é a memoria dos que nos geraram: comtudo tambem é respeitavel a rasão, que nos foi dada por Deos.

Conservemos todas as obras do tempo passado; mas melhoremos tudo o que nellas houver ruim.

Ahi estão arvores uteis no meio da nossa herdade; não as derrubemos, porque o faze-lo, alem de impiedade, fôra rematada loucura.

Porem roteemos as çarças, adubemos a terra, e procuremos fazer novos plantios adequados á qualidade do solo.

E disse o irmão mais novo: = Que nos importa os que passaram, ou que temos nós com o que elles fizeram!

Nossos paes viveram nas trevas da ignorancia; e por isso todas as suas obras são loucuras e vaidades.

A luz e a sciencia só veio ao mundo em nossos dias, e só a propria sabedoria pode fazer-nos felizes.

Comecemos pois por arrancar deste agro todos os vestigios de antiga cultura: não verdeça nelle nem uma unica planta.

E depois buscaremos arvores estranhas de fructos saborosos e sementes uteis, e a nossa herdade causará inveja a todos os vizinhos.

Cada um dos irmãos estava firme em seu proposito, e os servos e os familiares se bandearam em tres partidos.

E luctaram uns com os outros e triumphou a opinião do mais velho.

E o campo mal cultivado cada vez produzia menos, e a fome veio assentar-se no limiar da porta dos tres irmãos.

O que vendo o segundo-genito disse aos do seu bando.

Força é que tiremos o poder das mãos dos que nos governam, alias morreremos todos á pura mingua.

E assim o fiseram; e posto que a lucta foi longa e encarniçada, venceram; porque a rasão estava da sua parte e Deus os abençoava.

Então começaram a trabalhar: alimparam as arvores dos ramos seccos e exuberantes; adubaram o prado, e arrancaram as moutas e as plantas nocivas.

E lançaram boas sementes á terra, e quando a seara foi crescendo começaram de mondar-lhe o joio e as hervas daninhas.

Promettia naquelle anno ser excellente a colheita, e no coração dos familiares renascia já a esperança.

Mas o irmão mais novo possuido do espirito de destruição colligou-se com os criados devassos, e que aborreciam o trabalho continuo a que eram forçados.

E fizeram uma união contra o segundo-genito e o opprimiram, valendo- -se de muitos clientes do primogenito, os quaes, por via da dissensão entre os dois mais novos, esperavam triumphasse o mais velho.

Lançaram-se então ao campo, destruíram a sementeira, cortaram as arvores, e calcaram os criadouros aos pés.

E buscaram sementes exquisitas, e arvores exóticas, e atiraram á terra desalinhadamente com-tudo isto, e depois adormeceram.

As arvores, porem, seccaram logo e as sementes, apenas rebentaram, morreram; porque os imprudentes não havião estudado nem o character do clima, nem a natureza do solo, nem as regras de agricultural.

E a familia inteira no fim do anno tinha perecido de fome.

XXI.

Na terra de Cethim houve um rei que era bom e cheio de liberalidade e valor.

E cansado de reinar disse em certo dia a seu filho, que ainda era muito moço:

A corôa e o sceptro me pesam, nem me cega o esplendor do throno: vem e assenta-te nelle.

E o filho obedeceu, e começou de reger os povos por certas leis estabelecidas por seu pae, o qual foi viver em regiões affastadas.

Mas um tyranno se alevantou com o reino, e o moço principe errou largo tempo por estranhos paizes com os poucos seguidores de sua má ventura.

E o bom rei que descera do throno, correu a restituir ao filho a herança que lhe legára.

E a sua espada foi como a de Qedeão, o seu braço como o dos Machabeus.

Então o príncipe desterrado voltou á pátria, reassumiu o sceptro que lhe fôra roubado, e a lei e a justiça recobriram o antigo vigor.

Depois o rei virtuoso morreu de puras fadigas, e foi dormir com seus paes: sobre a sua memoria desceram as benções de seus soldados e de todos os justos.

Nas trevas, porem, homens corrompidos começavam a tramar dissensões civís; porque pretendiam que o povo soffresse depois da tyrannia de um só, a tyrannia de muitos.

E estes mysterios da corrupção vieram a lume, e a plebe disse um dia ao príncipe e aos cidadãos pacíficos: – A força está em nós, e a força é o direito: obedecei-nos pois, alias um descerá do throno, outros serão reduzidos a pó. –

E tudo callou diante da plebe; porque era verdade que ella tinha a força.

Os nobres, os prudentes, e os homens bons se cabriram de dó, e no rosto se lhes espalhou a palidez da afflicção.

Mas o moço rei aqnem os revoltosos fingiam acatar, porque descêra até elles, se mostrou alegre em seu damno, e se engolfou nos jogos e nos praseres de que o rodearam os algozes da Patria.

Então se apagou em todos os corações o ultimo raio de esperança.

XXII.

Havia naquelle tempo em Cethim um propheta, em cuja boca pozera Deos o verbo da eterna verdade.

E este propheta entrou um dia nos paços do principe e lhe disse.

Mancebo inconsiderado! tu folgas e rís, e debaixo de teus pes vae esmigalhar-se o throno que te herdaram teus paes.

Lembra-te que subiste a elle por cima das ossadas de vinte mil dos teus amigos, regadas pelas lagrimas de cem mil familias.

E não te esqueças de que entre esses ossos jaziam os de teu pae: não maldigas com tuas obras a sua memoria, porque elle foi justificado diante do Senhor.

Crês tu que os homens do nada te perdoarão o teres nascido do sangue dos reis! Enganas-te! — Crime para elles é este que nunca te será relevado.

O sorriso que na tua presença lhes aclarava o torvo das faces, não o crêas de amor: repara, e verás que é o riso infernal do despreso.

Os filhos da abjecção queriam igualar-se contigo: não sendo elles quem subisse; mas sendo tu quem descesse.

As taboas da lei foram feitas pedaços: se o vêlas partidas te apraz ou disso não curas, antes de o patentear cumpria-te restituir-nos as vidas e o sangue de nossos irmãos.

O povo soffreu tudo por guardar o pacto que jurou, e que também tu juraste: que direito é o teu para approvares, que esse pacto seja rasgado? Porque não padecerias alguma cousa a bem dos que tanto padeceram por ti!

Crês por ventura que é bello e generoso assentares-te em um throno que a relé do povo conspurcou de lodo e de infamia!

A plebe era forte: embora: – mais forte era o tyranno de outrora, e baqueou por terra.

Devias deixar aos mãos a consumação do seu crime e não o santificares tu.

Devias confiar na Providencia, e arrojardes de ti o manto de ignominia que sobre os hombros te lançavam.

Devias conservar sem mancha o teu nome, porque está ligado ao do que te deu o ser, e este será glorioso até ao termo dos seculos.

Nós iremos ajoelhar junto ao sepulchro de teu pae, e ás cinzas do rei virtuozo pediremos a justiça que não encontrâmos na face da terra.

Oh! que se fosse possivel alevantar-se elle em pé sobre a campa, um seu olhar te encheria de remorsos, um seu grito fulminaria os perversos!

Taes foram as palavras que o propheta de Cethim disse ao principe mancebo: o que depois aconteceu não o sabemos nós.

E este é um fragmento da historia de eras que passaram ha muito.

XXIII.

A justiça de Deos é grande: maior a sua misericórdia.

Para o que se arrepende mana do seio do Senhor fonte perennal de perdão: as preces do contrito sobem ligeiras até os degraus do seu throno. Depois dos dias de afflicção, elle invia o consolo e quebra em pedaços o vaso de sua colera.

Povo, que vagueas desenfreado pelas sendas da morte, converte-te á vida, converte-te ao Deus de teus paes.

Elle não se esquecerá dos netos desses fortes que espalharam a luz do seu Verbo entre os mais remotos barbaros, e teus erros serão esquecidos.

Nossos avós souberam ser livres sem ser licenciozos, souberam ser grandes sem crimes: eterna é a sua gloria.

Ousariamos nós irmos ajunctar-nos com elles no repouso do tumulto carregados das maldições

do Altissimo, e sepultando com-nosco a herança do nome portuguez cuberta da execração do Universo?

Lembrai-vos que as cinzas dos cavalleiros de João primeiro, dos valentes de Ceuta, de Tangere e de Arzila, dos conquistadores do Oriente, estão involtas na terra que pizaes,

E onde quer que ponhais os pés levantará o passado um grito de reprehensão contra a depravação do seculo actual.

Formosa e pura é a luz do sol neste amoroso clima do occidente: não queiraes converte-la no facho avermelhado e sinistro que fulgura por cavernas de salteadores e de assassinos.

Unamo nos pois como irmãos, e abraçando-nos uns com outros, cáiam algumas lagrimas de reconciliação sobre esta terra tão regada de lagrimas de amargura, tão ensopada no sangue do fraticidio.

Refloreçamos entre nós a paz e a amizade:
tenhamos um só nome, o de portuguezes, um só
baudo, o da Patria.

Ainda algum dia estes rogos do propheta serão
ouvidos: mas quando, é um segredo de Deos.



ISBN: 978-1-365-78575-7